

## INFORMALIDADE E RESISTÊNCIA CULTURAL: O TRABALHO DAS ARTESÃS DO ALTO DO MOURA -CARUARU – PE

Érica Souza Siqueira<sup>1</sup>  
Francisco Carlos Lopes da Silva<sup>2</sup>  
Mauricéia Henrique Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as formas de resistência ao que Pelbart (2013) chamou de capitalismo conexcionista. Estas, apesar da opressão, são metaforicamente encontrados como vaga-lumes, Didi-Huberman, (2011), mantendo-se brilhantes por meio da atividade artesanal. Além disso, são observadas as linhas de fuga e os modos de existência e produção que promovem cooperação e associações contra o neoliberalismo Dardot & Laval, (2017). Assim, utilizamos os artesãos de barro de Alto do Moura, Caruaru (PE) como unidade de análise. Como metodologia, utilizamos um estudo de caso, tradicional em estudos qualitativos, para coleta de dados (observação participante, questionário estruturado e grupos de discussão). Como conclusão para estudos organizacionais, são apresentadas novas oportunidades de pesquisa e a disseminação de uma comunidade e sua arte.

**Palavras-Chave:** Resistência; Artesãs; Neoliberalismo, Estudos organizacionais

INFORMALIDAD Y RESISTENCIA CULTURAL: EL TRABAJO DE LOS ARTESANOS DE ALTO DO MOURA - CARUARU - PE

### RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo investigar las formas de resistencia a lo que Pelbart (2013) llamó capitalismo conexcionista. Estos, apesar de la opresión, se encuentran metafóricamente como luciérnagas (Didi-Huberman, 2011) manteniéndose brillantes através de la actividad artesanal. Además, se observan las líneas de fuga y los modos de existencia y producción que promueven la cooperación y las asociaciones contra el neoliberalismo (Dardot y Laval, 2017).

<sup>1</sup> Professora Doutora em Administração Pública.

<sup>2</sup> Professor de Fundamentos de Filosofia - Curso de Administração CAA – UFPE.

<sup>3</sup> Biografia não informada

Por lo tanto, utilizamos los artesanos de arcilla en Alto do Moura, Caruaru (PE) como la unidad de análisis. Como metodología utilizamos un estudio de caso, tradicional en estudios de investigación cualitativa, para la recopilación de datos que utilizamos (observación participante, cuestionario estructurado y grupos de discusión). Como conclusión para los estudios organizacionales, se presentan nuevas oportunidades de investigación y la difusión de una comunidad y su arte.

**Palabras clave:** Resistencia, Artesanos, neoliberalismo, Estudios organizacionales.

**INFORMALITY AND CULTURAL RESISTANCE: THE WORK OF THE ARTISANS OF ALTO DO MOURA - CARUARU - PE**

### **ABSTRACT**

This work aims to investigate the forms of resistance to what Pelbart (2013) called connectionist capitalism. These, despite oppression, are metaphorically found as fireflies, Didi-Huberman (2011) keeping brilliant through artisanal activity. In addition, the escape lines and the modes of existence and production that promote cooperation and associations against neoliberalism are observed (Dardot and Laval (2017). Thus, we used the clay artisans in Alto do Moura, Caruaru (PE) as the unit of analysis. As a methodology we used a case study, traditional in studies in qualitative research, for data collection we used (participant observation, structured questionnaire, and discussion groups). As a conclusion for organizational studies, new research opportunities and the dissemination of a community and its art are presented.

**Keywords:** Resistance, Artisans, neoliberalism, Organizational studies

### **INTRODUÇÃO**

Esse trabalho visa a investigação dos modos de resistência e organização da produção da existência e cultura entre as artesãs do Alto do Moura - PE. A sua atividade artesanal, têm sua origem na cultura transmitida pelos mestres e mestras do barro que deixaram saberes aos seus discípulos. Como vagalumes Didi-Huberman (2011), elas mantem brilhante a memória da arte figurativa de modo pessoal, familiar, associativo e comunitário. Nessa perspectiva, o estudo se volta para compreender quem são elas, como cotidianamente conciliam as jornadas de trabalho e as tarefas domésticas, como ocorre a transmissão da cultura do artesanato do barro. Além disso, se faz necessário observar os modos de existência promotores de cooperação e associativismo contrário ao neoliberalismo dominante (Dardot e Laval, 2017). Ao se considerar o artesanato enquanto materialidade e prática, observa-se que ele comporta especificidades que o transformam em temática relevante para se refletir sobre a articulação entre pessoas, cultura,

economia, trabalho e organizações. No sentido econômico, observa-se a disponibilidade de mão-de-obra barata, dando origem a uma economia sub-regional fortemente baseada no trabalho informal e precário.

Dentro do campo de estudos organizacionais é manifesto, que o artesanato tem granjeado atenção de diversos estudos com base empírica. Por esse motivo, enseja e possibilita muitas investigações sobre organizações e o processo de organizar, que não tomam as empresas como centro de análise. Em buscas nas bases Scholar, Scielo, Redalyc e Anpad identificamos uma série de estudos que, tomando a comunidade e os artesãos e artesãs do Alto do Moura como objeto de estudo, nos oferece um olhar de fora, estrangeiro que pode, em alguns casos, levar a percepção de uma homogeneidade (Magalhães, Ferreira e Cavalcante, 2017). Com efeito, acreditamos que ter como a principal autora desse texto uma moradora do bairro, artesã e pesquisadora da comunidade, nos oferece uma possibilidade de olhar e interpretar a partir de uma observação participante, o que nos possibilita, para além de mapeamento das práticas existentes e narrativas sobre dificuldades e tensões, almejamos ouvir visando a possibilidade de entender significados e suas construções em múltiplas vozes marcadas pela história. Em acordo com Misoczky (2010), vemos como importante trazer para o debate nos estudos organizacionais processos e práticas que são, geralmente, ignoradas pelo "discurso organizacional hegemônico contemporâneo" (BARCELLOS & DELLAGNELO, 2014).

Raimundo (2016) ao estudar os modos informais de organização das mulheres negras moradoras de áreas segregadas observa a constatação das mudanças no cotidiano das mesmas "a partir da organização informal que se manifesta como alternativa de resistência às situações advindas da pobreza e das desigualdades presentes na condição de mulher e negra na sociedade brasileira". Segundo a autora "da resistência ao comodismo-resistente, entre a força e a fraqueza, essas mulheres negras, influenciadas pelo discurso de igualdade de direitos presentes nos movimentos feminista e negro, e a partir da organização informal, vão elaborando na sua vivência cotidiana uma releitura da sua realidade social, buscando meios para transformá-la".

Entendemos, em acordo com Ávila e Ferreira (2014), que a mulher sofre outras pressões além daquele fruto da execução da atividade econômica e de sua arte, porque sobre ela recai as

principais tarefas domésticas. Assim, optamos por utilizar a perspectiva das artesãs. Foram utilizadas múltiplas formas de coleta de dados que possibilitaram avançar a investigação desses temas propostos. São eles: grupos de discussão, aplicação de 51 questionários (em 2015 e 2019), além de observação participante, dado que uma das integrantes da equipe de pesquisa é artesã local e há quatro anos dedica-se a sistematizar sua observação da comunidade na qual está inserida.

Dessa forma, importa-nos responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Como resistem e se organizam as artesãs do Alto do Moura/Caruaru/PE?*

Este artigo é importante porque aprofunda a análise de formas de organização fora do paradigma dominante, que podem ser investigadas sob a perspectiva dos estudos organizacionais. Ele almeja se diferenciar de outros estudos na medida em que contribui com a literatura sobre modos de olhar a organização na informalidade, a preservação da cultura, o trabalho da artesã, os modos de se organizar, gerenciar, produzir e comercializar o artesanato, além de metodologicamente tentar conciliar múltiplas formas de coletas de dados num movimento espiral, heurístico e dialético.

Primeiramente apresentamos uma breve discussão do artesanato como importante para os estudos organizacionais. Na sequência apresentamos nossa lente teórica, em seguida nosso método de coleta de dados, para terminar com a análise e discussão.

## **O artesanato nos estudos organizacionais**

O artesanato já teve a sua importância na civilização e sua perda de relevância acelera-se com a industrialização (SENNET, 2009). No Brasil, o artesanato representa um sistema de produção, ou ainda um instrumento de desenvolvimento da região que ele está inserido, por fazer parte e estar presente em diversos grupos (RAMOS, MUYLDER & FREIRE, 2014). Segundo estimativas governamentais da década passada, aproximadamente 8,5 milhões de brasileiros trabalhavam com essa atividade (IBGE, 2012) que movimentava mais de 50 bilhões de reais só país.

O custo para investir na atividade artesanal é considerado baixo, devido ao tipo de informalidade do trabalho, aliada matéria-prima utilizada. É uma atividade que possibilita renda, fazendo com que esses artesãos permaneçam em suas regiões e evitando, dessa forma, o aumento populacional nas grandes cidades (SEBRAE, 2013).

Podemos analisar numa perspectiva mais críticas, apoiamo-nos em:

intensificação do trabalho, a prolongação da jornada de trabalho e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho — configuram um modo de produção fundado exclusivamente na maior exploração do trabalhador e não no desenvolvimento de sua capacidade produtiva. Isso é condizente com o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas na economia latino-americana, mas também com os tipos de atividades que aí se realizam. (QUEIROZ, 2017 p. 20)

A cultura pernambucana é rica e está presente nas mais variadas manifestações. O artesanato local e as outras expressões artísticas representam a relação dos seres humanos com a história e a tradição. Pelas mãos dos artesãos e artesãs, a matéria-prima se transforma em arte, são os registros do modo de ser e da vivência do seu povo. Da criatividade da produção artesanal surgem as mais variadas expressões. Além disso, é um patrimônio dos pernambucanos e uma atividade que se destaca na economia do estado (ARTESANATO DE PERNAMBUCO, 2019).

Do ponto de vista cultural, ou de uma economia criativa, o artesanato do barro é uma prática universal realizada por comunidades tradicionais, forma anterior ao capitalismo, é arcaico. Apesar disso, a informalidade aliada ao artesanato caracterizando-se por certa autonomia, consciência e domínio do produtor dos meios de produção, do uso da técnica e da liberdade para criar. Além disso, o artesão tradicional que se inspira na sua realidade para produzir, gerando identificação do trabalhador com o local e o seu trabalho (NOGUEIRA, 2013). A diversidade da cerâmica figurativa compõe uma crônica visual de ritos e costumes (SEBRAE, 2006, p. 35).

A argila ou barro são moldados e transformados em arte, também em produtos utilitários, como painéis e vasos, ou ainda, esculturas, que retratam o cotidiano e a cultura do

povo. Essa arte tem reconhecimento no Brasil e no mundo, destaca-se em Caruaru - PE, com o bairro do Alto do Moura é reconhecido como um dos maiores centros de artes figurativas. (SEBRAE, 2013). Essa comunidade de produção cultural da arte figurativa, historicamente se constituiu a partir da arte do Mestre Vitalino que influencia até a atualidade o trabalho artesanal. Também emerge como atividade econômica a partir da feira de Caruaru, espaço de comercialização, interações simbólicas e culturais. Bodart (2016), em um ensaio sobre o artesanato de conchas do município de Piúma, no estado do Espírito Santo, evidencia que nos últimos anos, essa atividade tem sustentado diversas famílias nesse município, além de manter as tradições locais.

Observa-se que na contemporaneidade que o artesanato tem sobrevivido em um contexto que incluem o movimento neoliberal de empresarização da atividade (MARQUESAN, FIGUEIREDO, 2014). Portanto, parte-se da compreensão que enquanto prática que tem sido encontrada desde tempos remotos e, até a contemporaneidade tem sido valorizada em curtos períodos e desvalorizada em outros, é uma fértil área de investigação nos estudos organizacionais. Faria & Silva (2015). Por outro lado, os estudos observam pouco as formas organizativas artesanais e privilegiam as organizações privadas (VERGARA & SILVA, 2007). Segundo Sá et al (2016, p2), em estudo sobre esta comunidade, do Alto do Moura, afirma:

A dimensão social e os elementos contextuais que afetam marcadamente a construção e o devir de um mercado periférico (como o caso da produção e comercialização de peças de barro no Alto do Moura-PE) parecem merecer, aos nossos olhos, atenção dos Estudos Organizacionais. Diferente dos grandes centros de negócios nacionais e internacionais e das condições e práticas de management neles mais recorrentes, as pessoas que possuem negócios em uma comunidade artesã no interior nordestino se defrontam e se (re)constituem em meio a problemáticas próprias que interferem de forma significativa e contemporânea no seu modo de vida e trabalho.

As práticas artesanais, incitadas pelas práticas culturais, ressaltam a importância da discussão das organizações que se constituem para transformar a realidade daqueles que a vivem. Entre essas práticas estão preservação da memória familiar e as expressões culturais, o exercício do poder simbólico e as expressões do desejo e continuidade.

Para Figueiredo (2014) a discussão sobre o tema se torna pertinente aos pesquisadores interessados no fenômeno organizacional. Isso ocorre, por conta da habilidade do artesão e artesã e as características particulares do trabalho artesanal analisadas enquanto alternativas à forma de nos relacionarmos com aquilo que produzimos (Sennett, 2008), ou ao modo de compreendermos as organizações. Assim, o emerge como argumento para pensar a realidade organizacional.

No campo dos estudos organizacionais diversos estudos no contexto brasileiro já abordaram diferentes práticas e estratégias organizacionais (CARRIERI; SOUZA; LENGLER, 2011; PIMENTEL; CARRIERI; LEITE, SILVA, 2007, CARRIERI ET AL, 2008; SOUZA ET AL, 2014; PIMENTEL ET AL, 2011). Juntamente com essas contribuições, destacamos a originalidade de investigar o trabalho das artesãs de modo comunitário e associativo como uma organização, com suas características particulares e multifacetadas nos permite desvelar estruturas econômicas, sociais apesar da informalidade e precarização.

Também concordamos com Faria (2017) sob o capitalismo, os empreendimentos chamados de autogestionários não constituem uma autogestão, mas organizações coletivistas de produção associada (OCPA , as quais têm características autogestionárias e apresentam-se enquanto formas de resistência ou modelos alternativos aos do sistema de capital.

Na sequência apresentamos discutiremos o processo de resistência e criação presentes na atividade artesanal.

### **ARTESANATO: POTÊNCIA PARA RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO**

Escolhemos abordar o nosso estudo usando também a discussão sobre resistência a partir de dois textos de Pelbart: “Poder sobre a vida, potência da vida” (2003) e “O avesso do nihilismo: cartografias do esgotamento” (2013).

Em “Poder sobre a vida, potência da vida” Pelbart fala de um capitalismo em rede, no qual os fluxos de pessoas, dinheiro, informação são a regra. No entanto, nem todos extraem dessa circulação os mesmos benefícios. Participar dessa rede, na qual se pode obter

benefícios da circulação, explica o autor, depende de pagamentos, ou pedágios comerciais, muitas vezes impagáveis para parte da população. A partir dessa literatura, entendemos a viabilidade de uma outra rede de produção que se ancore em tradição cultural e vida em comunidade. O caso das artesãs nos parece que materializa o que nos move, como será demonstrado adiante.

Já em o “Aveso do niilismo” o autor nos apresenta modos de produção de subjetividades a partir do sistema capitalista, também oferece uma discussão sobre formas de aferro e a criação de outros modos de viver, produzir e pensar o bem comum. O autor faz indagações sobre a dominação em tempos dos vários liberalismos, que criou, inclusive, a época do homem endividado. Dardot e Laval (2017) dirão que o neoliberalismo nos levou à racionalidade do “eu empresa”, empresas de nós mesmos, nos auto governando para extrair daí a máxima capacidade de nos vender, nos gerir e produzir. Para Pelbart (2013) somos capturados por práticas e discursos axiomatizantes que inscrevem o capital em níveis infinitesimais em nossos corpos e mentes nos levando ao empobrecimento da vida. Portanto, a invenção do novo se impõe: “Não estamos nós todos nesse ponto de sufocamento, que justamente por isso nos impele em uma outra direção?” (PELBART, 2013, p. 34).

Também nos apoiamos na pesquisa de Bentz (2016) que estudou a produção de sentido a partir de artefatos (comportamentos, rituais e práticas) em uma comunidade quilombola. A autora se propõe a enxergar uma comunidade quilombola como uma linha de fuga. Assim, buscamos nos inspirar pela forma como Bentz (2016) analisou o trabalho artesanal e o trabalho doméstico, destacando, por um lado a aprendizagem, a produção, o comércio, a cooperação e o associativismo. Por outro lado, como esse trabalho artesanal se inseriu, na atualidade, em um paradoxo que envolve, ao mesmo tempo, a tradição e a inovação, o formal e o informal, a precarização e flexibilização. Também tem sido contingenciado pelo movimento gerencialista com a finalidade de combinar-se a atividade artesanal à lógica capitalista, o que tem ocasionado, em muitos casos, perda de autenticidade da atividade (MARQUESAN & FIGUEIREDO, 2014. FARIA & SILVA, 2015. GRANDE et al, (2012).



## **ABORDAGEM METODOLÓGICA**

Adotamos como estratégia de pesquisa principal o estudo de caso único, o qual consideramos intrínseco e instrumental (Stake, 1998). É intrínseco porque é original, uma vez que a comunidade é um centro de referência em arte figurativa conforme a Unesco. É instrumental, porque, a partir desse caso específico, pensamos hipóteses para questões mais genéricas encontradas em Pelbart (2003, 2013) sobre formas de resistência.

Os estudos qualitativos são propícios à reinvenção das técnicas por parte dos pesquisadores Carrieri, Perdigão e Aguiar, (2014) e essa reinvenção tem o potencial de fortalecer ainda mais as pesquisas da temática. Desse modo, adotamos múltiplas formas de coleta de dados, sendo esses qualitativos e quantitativos:

- **Observação Participante.** Nesse método reconhece-se o pesquisador como integrante da comunidade pesquisada. Explicam Serva e Jaime Junior (2015): “Ao resgate da subjetividade, pela inserção do pesquisador numa relação direta e pessoal com o observado, corresponde a abertura para a emoção, o sentimento e o inesperado” (p. 69). Uma das integrantes do grupo de pesquisa é artesã residente na comunidade. Dedicar-se a, além de produzir e participar na comunidade, observar sistematicamente a dinâmica local, tendo escrito seu trabalho de conclusão de curso a partir dessa realidade. A observação sistemática desde então, 2015, vem ocorrendo, mantendo uma das autoras trabalho constante de reflexão sobre seu campo de atuação, inclusive liderando oficinas, projetos culturais e estimulando a integração da comunidade a projetos de extensão de sua universidade.
- **Grupo de Discussão.** Esse método de coleta de dados, como explica Weller (2006) às vezes, confunde-se com o método de grupos focais. Enquanto nos grupos focais um dos objetivos é obter dados para futura coleta estruturada ou semiestruturada, via questionário, os grupos de discussão por sua vez, tem os questionários feitos a priori e estão ancorados no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia. De acordo com Mangold (1960) apud Weller (2006):

“[...] a opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas o produto de interações coletivas. A participação de cada membro dá-se de forma distinta, mas as falas individuais são produto da interação mútua [...]. Dessa forma as opiniões de grupo cristalizam-se como totalidade das posições verbais e não-verbais”.

Realizamos dois grupos de discussão, cada um com 5 artesãs, com duração de 2 horas cada. Os grupos ocorreram em janeiro e fevereiro de 2019. Não havia um roteiro pré-estabelecido, entretanto, havia interesse prévio em conhecer e enxergar a atividade artesanal como forma de organização e resistência. E interesse em presenciar como as mulheres elaboravam, em conjunto, sobre o trabalho e a tradição do artesanato. Algumas questões foram feitas nesse sentido, para animar a discussão, sempre preferido que a conversa acontecesse mais diretamente entre as artesãs. O importante dessa discussão é o favorecimento do espaço de construção de simbólico de convivência, narrativas, memórias e organização (WELLER, 2006).

- Aplicação de questionário do tipo “survey”, que foi realizada duas vezes (em outubro de 2015 e novamente em novembro de 2018) com objetivo comparar os dados antes da condução dos grupos de discussão, como orientada (WELLER, 2006). O questionário foi coletado pessoalmente junto às artesãs, em suas residências, na quais também funciona o local de trabalho. Ele cobriu perfil, renda, produção e comercialização, trabalho doméstico, formas de resistência e produção cooperativa das artesãs. Cada coleta durou em torno de 30 minutos e foram coletados 51 questionários. Trata-se de uma versão adaptada do questionário que já havia sido coletado em 2015, ocasião em que 51 artesãs foram entrevistadas. Ter dados dos dois períodos permitiu reflexões acerca de mudanças e continuidades na produção na comunidade. A aplicação do questionário permitiu também a observação das suas atividades, bem como da distribuição e organização das tarefas em seu cotidiano. Na parte da manhã, os questionários foram coletados enquanto as artesãs estavam realizando as tarefas domésticas. Quando as coletas aconteceram no período da tarde, estavam trabalhando com o artesanato e pela noite, estavam fazendo “serão’ (trabalho noturno), finalizando o trabalho que haviam iniciado pela manhã.

- Também utilizamos a fotografia como instrumento de coleta de dados. Nesse sentido, imagens e textos complementam a uma compreensão maior do objeto analisado, assim como possibilitar leituras para além daquelas observadas pelo sociólogo ou antropólogo, o que torna a fotoetnografia uma prática promissora para o estudo das manifestações culturais (BODART, SILVA, 2015)

A análise e sistematização dos dados foram feitas com apoio no referencial teórico utilizado na literatura. Buscamos tanto descrever a atividade e contexto das artesãs, mas ao mesmo tempo inserir essa atividade na crítica ao capitalismo conexcionista e enxergar as linhas de fuga aí constituídas.

Na seção a seguir são elencados tópicos e apresentação dos dados que foram analisados e organizados de forma a levar a reflexão dos desafios do trabalho das artesãs como modo de (re)existir e se organizar. Trechos dos grupos de discussão e respostas aos questionários são usados a fim ilustrar a apresentação.

## **APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO**

Nossa amostra foi escolhida de forma não probabilística, selecionadas por conveniência de amizade, proximidade e disponibilidade para responder o questionário. Foram entrevistadas as mesmas mulheres entrevistadas em 2015 e agora em 2018 acrescentou-se uma artesã, sendo em 2015 um total de 50 mulheres e em 2018 um total de 51 mulheres foram entrevistadas.

Comparativamente, observamos duas mudanças de perfis que são bastante relevantes: o aumento da escolaridade entre as mulheres artesãs e diminuição do número de filhos.

Tabela 1: Aspectos Demográficos

Idade	56-77	46-55	37-45	26-36	16-25
2015	17%	24%	20%	22%	17%
2018	22%	24%	12%	25%	18%

Estado Civil	Solteiras	Casadas	Viúvas	União Estável	Divorciadas
2015	46%	44%	6%	2%	2%
2018	45%	47%	6%	0%	2%

Escolaridade	Ensino Fundamental		Ensino Médio		Ensino Superior	
	Incompleto	Completo	Incompleto	Completo	Incompleto	Completo
2015	46%	4%	14%	28%	6%	2%
2018	45%	2%	12%	24%	10%	8%

Experiência	1-10	11-20	21-30	31-40	41-50	51-60	61-70
2015	26%	28%	12%	14%	12%	4%	4%
2018	20%	24%	20%	16%	12%	4%	6%

Filhos	0	1	2	3	4	5	>5
2015	24%	32%	20%	12%	4%	4%	4%
2018	24%	31%	22%	10%	8%	4%	4%

## PERFIL DAS MULHERES QUE COMPUSERAM OS GRUPOS DE DISCUSSÃO

Buscando aprofundar a discussão, procuramos compor grupos bem diversificados em relação idade, escolaridade, tempo de trabalho. Desse modo, identificamos artesãs entre 25 e 77 anos de idade, em sua grande maioria com ensino fundamental incompleto e, em menor quantidade, com ensino superior. O que chama a atenção é que todas iniciaram o trabalho na infância, 6 ou 7 anos, e tem entre 20 e 60 anos de trabalho.

Na sequência, apresentamos descritivamente os dados coletados e na seção de discussão, recapitulamos a apresentação para debater aspectos teóricos.

## COM SUOR E BARRO: CONCILIANDO TRABALHO E RENDA NO LAR.

O trabalho com o artesanato é o principal meio de geração de renda. Isso foi o que 90% das mulheres responderam. Quanto à renda, 74% das artesãs ganham o que equivale a um salário mínimo. Já 26% delas ganham o equivalente a dois salários mínimos. Essas geralmente são as formalizadas e que tem uma loja para exibir suas peças. A renda, no entanto, pode sofrer alterações de acordo com o período do ano, quando há um maior ou menor número de vendas dos seus trabalhos artesanais, alterando assim o quanto ganham financeiramente as artesãs. Esses resultados demonstram a capacidade que o artesanato tem de gerar ocupação e renda para as famílias. É comum no local as mulheres trabalharem com a arte do barro durante décadas, por isso, apenas 10% delas disseram exercer outro tipo de trabalho fora do lar. Muitas fazem todas as etapas de produção do artesanato e outras se especializam em etapas tais como pintura ou montagem

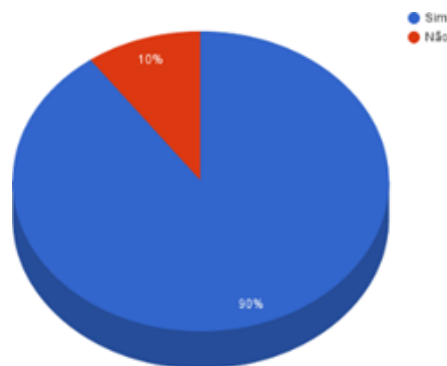


Gráfico 1 – O artesanato como principal fonte de renda. Fonte: Dados da pesquisa – 2018

Foi constatado que dividem a dedicação ao trabalho artesanal com as tarefas domésticas, diariamente, pois muitas delas, conforme dados posteriores nunca trabalharam em outro tipo de atividade.

Outro aspecto muito citado por elas foi o efeito da “crise econômica atual”, que diminuiu as encomendas, os clientes e a produção artesanal, em consequência a sua renda. Dessa forma passaram a procurar por alternativas, conciliando o trabalho artesanal com atividades informais como a costura, venda de cosméticos, utensílios para a cozinha e lanches. Outras conseguiram entrar no mercado de trabalho formal, em função de oportunidades

surgidas pelo aumento da escolaridade entre elas, sobretudo as mais jovens. Algumas terminaram o ensino médio e outras o nível superior. Ainda se observa, de forma geral, entre as entrevistadas, uma baixa renda (até um salário mínimo). Entendemos que a profissão das artesãs e artesãos é um fator fundamental de força e geração de renda. Além disso, a produção, divulgação e venda da produção são modos de resistir e se organizar em um contexto de aprofundamento do neoliberalismo e falta de oportunidades de trabalho formal. Reforça a afirmação de que superexploração da força de trabalho não foi retirada da forma de organização do metabolismo social do capitalismo brasileiro, e se intensifica após a crise do Estado e do capitalismo e diminuição das políticas sociais de redistribuição de renda e ampliação do crédito ao consumo. QUEIROZ (2017).

Sob o ponto de vista dos estudos organizacionais podemos afirmar que, no geral, cada casa é um ateliê, ou uma organização, sobretudo informal, tendo sua história traçada a partir dos mestres que viram no barro alternativa à sua expressão cultural e ao seu sustento.



Figura 1 – Cada casa é um ateliê Fonte: autores, 2018.

As artesãs realizam o processo de fabricação, queima, pintura e venda no próprio local de trabalho, é comum encontrar nos lares locais uma mesa de trabalho na sala ou próximas as cozinhas, revelando o trabalho artesanal e as tarefas domésticas sendo realizadas. Conforme os dados coletados, também verificamos que a comercialização das peças prevalece sendo feita nas próprias residências. A venda é feita, especialmente, a clientes que compram no atacado. Outro local de venda, em destaque, são as lojas próprias, normalmente ao lado das residências.

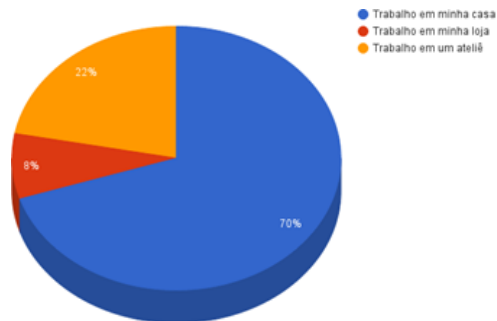


Gráfico 2 – Local de trabalho das artesãs Gráfico 3 – Local de comercialização das peças  
Fonte: Dados da pesquisa –2018.

No que se refere ao local de trabalho dessas mulheres artesãs, o núcleo familiar representa 70% do local de trabalho, 22% trabalham em um ateliê e 8% trabalham em loja própria. São dados que comprovam que as artesãs participantes da pesquisa não separam a vida profissional do seu lar. São mulheres que trabalham realizando todo o processo do trabalho em barro como: produção, queima, pintura e comercialização das suas peças, muitas vezes, os três turnos e que cuidam da casa, dos filhos e dos seus maridos.

## A JUVENTUDE E A TRADIÇÃO

“Sempre trabalhei com a pintura [das peças], desde muito jovem, com o tempo me tornei fabricante e continuo com o artesanato figurativo e não quero outra profissão.”  
(artesã em resposta ao questionário).

As artesãs buscam preservar a tradição da arte figurativa do barro. Uma das formas é o contínuo envolvimento de crianças com a arte, sejam filhos ou netos, de forma que eles tenham contato com o artesanato diariamente. Discutiu-se o fato de que as meninas estão deixando o artesanato para entrar no mercado de trabalho, para ter uma renda fixa, ter mais oportunidade. Elas possuem ensino médio e algumas já cursam o nível superior. Tem poucos filhos e se casam mais tarde. No entanto, algumas dessas jovens, após um dia de trabalho, vão dedicar-se ao artesanato, quando chegam em casa. Isso acontece para aumentar a renda, para ajudar os familiares, ou pela satisfação pessoal em continuar exercendo a tradição familiar, do artesanato e do barro. Observamos uma forte construção de uma identidade como artesã

“Mesmo com as vendas que diminuíram, vou continuar sempre uma artesã, ensinei os meus 5 filhos a serem artesãos. Continuo com a tradição dos meus pais, faço arte e passo para os meus filhos a importância da nossa cultura” (artesã em resposta ao questionário).

Na cultura popular existem formas de trabalho em arte que extrapolam o utilitário e instrumental de produção artística e se revelam como construtor de identidade e sentido de vida. Ao discutir a importância da cultura popular entendemos que esta propicia formas de aprendizagem e ensinamentos mais práticos e/ou instrumentais, ligado ao concreto do que os oferecidos pela educação formal. Ao ser compreendido como um sistema de conhecimentos, com sentidos e significados particulares, a cultura popular contribui para diferentes formas de compreensão e interpretação do real

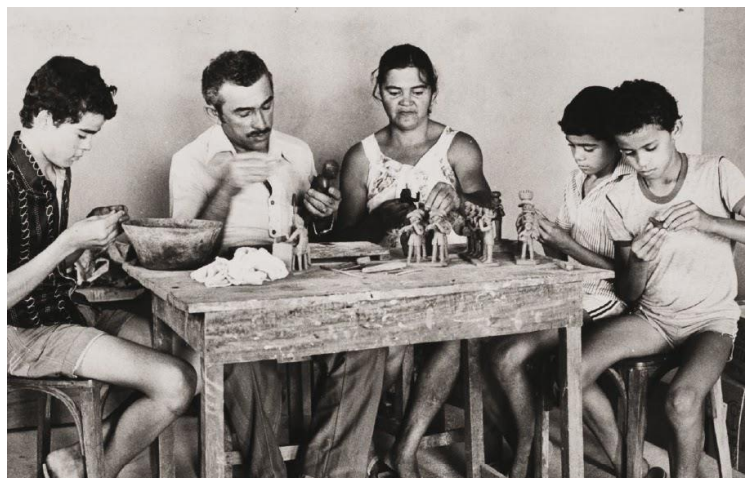


Figura 2 – O artesanato como tradição familiar. Fonte: Mestre Manoel Vitalino, filho de Mestre Vitalino e a família [foto autoria desconhecida] recuperado de <http://www.elfikurten.com.br/2013/01/mestre-vitalino-arte-feita-de-barro.html>

O modo de fazer que caracteriza o artesanato atual, ainda se assemelha ao século XIII, as chamadas corporações de ofício (guildas ou oficinas artesanais). Nessas oficinas, os artesãos comiam, dormiam e criavam seus filhos, sendo que, tais locais de trabalho e moradia eram relativamente pequenos, comportando um número reduzido de pessoas (SENNET, 2009). Nela, o saber é assimilado através da prática e resulta num tipo de saber tácito, sensibilidade estética e habilidades que não é facilmente transmissível. O artesão sabe o que faz e trabalha de acordo com padrões elevados em direção ao perfeito casamento entre a



forma e a função de um objeto. Apesar disso, pode não saber tão claramente quais os métodos empregados para alcançar os resultados obtidos e, provavelmente, apresentará alguma dificuldade em especificar seus procedimentos de trabalho, com precisão, a terceiros (INGOLD, 2000).

“eu comecei fazer, comecei a fazer minhas pecinhas pequenininhas tradicional, o dentista, o médico, todo tipo de peça pequenininha, depois comecei fazer o Maracatu, Reisado, o presépio, tudo, tá entendendo, eu depois parei, comecei fazer as bonecas,, porque teve um tempo também que caiu a venda dessas bonecas que eu fazia aí comecei nas bonecas ainda hoje estou fazendo elas, eu faço os três tamanhos, de pequena até grande né, bom, aí eu estou agradecida né, Graças a Deus pelo meu trabalho” (artesã, fala em roda de discussão)

Observamos mulheres com mais tempo de trabalho se dizendo realizadas como artesãs, afirmam que não gostariam de exercer outro tipo de atividade, muitas vezes, tem baixa escolaridade e teriam dificuldades para entrar e permanecer no mercado de trabalho, enquanto as mais jovens, com maior grau de escolaridade tem essa possibilidade.

Interessante notar, ainda, que algumas relatam intenção de voltar ao artesanato, caso as vendas melhorem. Portanto, deixariam os empregos fixos para se dedicar novamente a atividade artesanal, tanto pela oportunidade em ser dona do próprio negócio quanto porque veem no trabalho com artesanato a possibilidade para conciliar as tarefas domésticas, além de haver, também, o aspecto da manutenção da tradição familiar.

Realizar as tarefas domésticas e trabalhar com artesanato começa na infância, nas brincadeiras infantis. As artesãs relatam ter os pais como os responsáveis pela aprendizagem do artesanato. Além disso, tem a arte em barro usada como meio educativo das crianças. Os artesãos e artesãs fazem as próprias peças, mas observam e se inspiram no trabalho dos demais. Existem as famílias tradicionais de artesãos tem o seu estilo e sua técnica em trabalhar no barro e produzir. Bentz (2016) afirma que essa interação social tem o significado de manutenção dos símbolos culturais e as formas de relacionamento com os espaços de uso família e produção, favoreceu uma identidade cultural preservando a heterogeneidade

estética de cada família e as alianças entre famílias. Esse processo configurou-se em convergência que resultaram, na sequência, famílias comunicantes entre si, tanto quanto se esperaria de suas raízes históricas comuns.

## A JORNADA DE TRABALHO E A INFORMALIDADE

Elas iniciam o dia com as tarefas domésticas, para na sequência, começar a trabalhar no barro e pintura. A produção é iniciada com o barro ainda em estado mole, comprado pronto para trabalhar, ela elabora o formato da peça e aguarda até o seu endurecimento. Essas são produzidas em quantidade até o final da manhã, momento em que param o trabalho artesanal para novamente voltarem às tarefas domésticas.

Durante à tarde, as artesãs retomam o trabalho artesanal, normalmente fazem a montagem da produção pela manhã. Já durante à noite, iniciam o serão, o trabalho noturno trabalhando até às 22 ou 23 horas, para finalizarem a produção iniciada pela manhã.

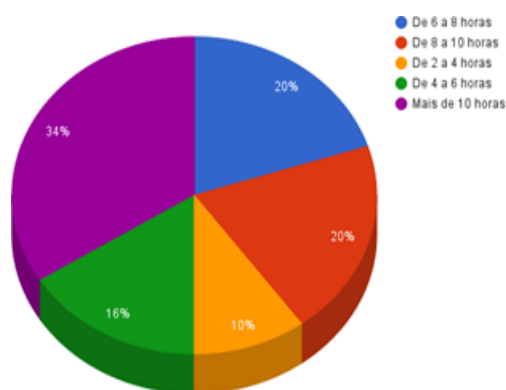


Gráfico 4 - Horas de trabalho diário como artesãs. Fonte: Dados da pesquisa -/2018

Quando o questionamento foi sobre as horas trabalhadas diariamente, 34% trabalham mais de 10 horas, 20% de 6 a 8 horas, 20% de 8 a 10 horas, 16% de 4 a 6 horas e 10% trabalham de 2 a 4 horas. Isso representa a extensa carga de trabalho feminino que além do trabalho artesanal realizam as tarefas domésticas. Destaca-se na análise desses dados o tempo de trabalho predominante, são mais de 10 horas de trabalho diário, são mulheres que ainda dividem o seu tempo com estudos, tarefas domésticas e conforme dados, já descritos anteriormente, 74% tem filhos.

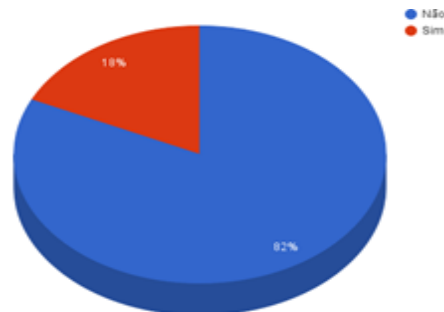


Gráfico 5 – Sobre o pagamento do Imposto nacional de seguridade social. Fonte: Dados da pesquisa – /2018

Das entrevistadas 82% responderam que não recolhem o INSS. Esses dados apontam para o grau de precarização: longas jornadas de trabalho, tanto no artesanato quanto nas tarefas domésticas, a baixa renda, ausência de proteção social e baixa formalização da atividade.

O exercício de uma atividade autônoma, muitas vezes, leva a informalidade. O artesanato no Alto do Moura, como gerador de ocupação e renda para muitas famílias, despertou o interesse sobre a questão da formalidade e assim foi questionado se as artesãs são cadastradas como microempreendedor individual, assim, os resultados foram descritos a seguir.

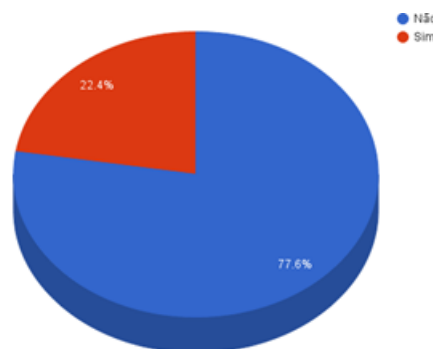


Gráfico 6 – Micro Empreendedor Individual - Fonte: Dados da pesquisa –2018.

Das respondentes, 77,6% responderam que não possui cadastro como microempreendedor Individual (MEI). De acordo com os dados, a justificativa pode estar

relacionada à falta de conhecimento sobre os benefícios para o empreendedor e os seus familiares, como a cobertura previdenciária, entre outros.

## **A DIVISÃO DO TRABALHO**

Como centralidade da vida humana, o trabalho, compreendido em atividades produtivas e improdutivas, permeia as relações carregadas de atribuições e responsabilidades objetivas, tanto quanto de cargas subjetivas, traz consequências diretas sobre a significação da vida em sociedade. A maioria delas trabalha mais de 10 horas por dia e o local de trabalho é na própria casa, na sala, algumas na cozinha ou em algum espaço no quintal.

As mulheres que são mães recebem ajuda das filhas nas tarefas domésticas e na pintura das peças. Já as casadas relatam não receber apoio dos maridos nas tarefas domésticas. No entanto, eles têm participação na produção do artesanato, pois são eles que, geralmente, levam as peças para o forno, carregam a lenha, queimam em torno de 5 a 6 horas até ficarem prontas. Essa atividade de queima, que também pode ser realizada pelas mulheres, enseja discussão de questões de saúde, como artesã relata caso de falecimento de um familiar por problemas pulmonares, bem como problemas de ordem ambiental (extração da lenha e poluentes da queima). Uma vez desenformadas as peças, as artesãs podem começar a sua pintura e acabamento.

Segundo, as artesãs o trabalho masculino também envolve o processo de embalagem e vendas. Eles geralmente lidam com a clientela, pagam as contas, compram a matéria-prima (o barro), tintas, os pincéis, os materiais para a embalagem, caixas, sacolas plásticas, jornal e fitas adesivas. Portanto, entendemos que ocorre uma divisão de tarefas que reforça o machismo da sociedade patriarcal, pois as atividades realizadas no espaço público ainda são predominantemente mantidas pelos homens e envolvem assimetria de informação e poder, dominação, status e controle da renda, ainda que algumas artesãs, as separadas e viúvas, especialmente, executem o processo completo de produção e venda. Os gráficos 5 e 6 mostram a percepção delas em relação a divisão das atividades domésticas. Para Raffestin

(1983), o domicílio é o lócus da reprodução das relações de gênero desiguais com base no patriarcado e lugar, por determinação, da mulher que “aparece” como vencida nesta relação.

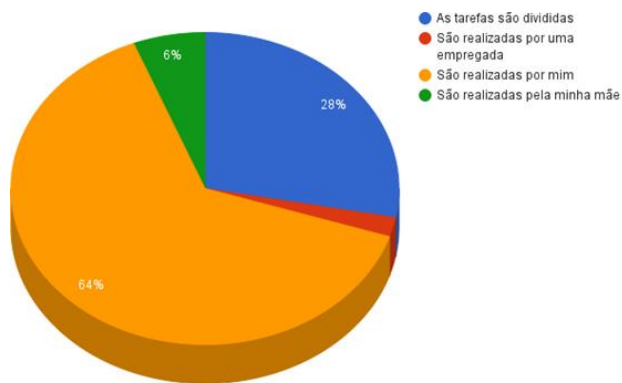


Gráfico 7 – Divisão das Tarefas Domésticas  
fonte: Dados da pesquisa –2018

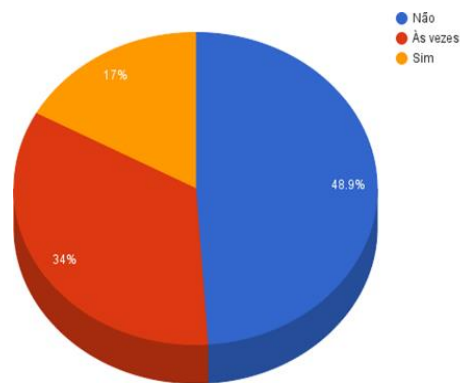


Gráfico 8 – Apoio do marido nas tarefas domésticas  
fonte: Dados da pesquisa –2018

Estes gráficos reforçam as questões de gênero em que a divisão das tarefas domésticas e o mundo do trabalho é relevante no atual momento em que a feminização do mundo do trabalho aparece como estratégia de geração de renda e ao mesmo tempo de precarização. Quando questionadas sobre a participação do marido na realização das tarefas, 48,9% disseram que não recebem apoio, 34% às vezes e 17% recebem apoio. Conforme descrevem os dados, a maior parte dos maridos não participam na realização das tarefas dentro dos lares, no entanto, realizam tarefas externas como fazer compras para a casa. Muitas vezes, os homens realizam a compra de produtos para a casa não por acaso, tem reconhecimento social, e muitas vezes controlam a administração da renda familiar.

Há um desafio em conciliar duas tarefas, e as mulheres buscam, diariamente, o equilíbrio entre elas. São atividades distintas, uma remunerada e outra não, mas que ocupam várias horas do seu dia.

### **SOBRE ORGANIZAÇÕES: A INFORMALIDADE, O TRABALHO FAMILIAR E COOPERATIVO.**

Aqui ocorre um esforço de articular artesanato com estudos organizacionais. Cezar e Fantinel (2018) ao analisar as representações sociais sobre a economia solidária, o trabalho e o artesanato entre as artesãs indicam a valorização do artesanato enquanto terapia e não

somente como trabalho, sendo a economia solidária o melhor formato apontado pelas artesãs, dada a possibilidade de se realizar a gestão compartilhada e a valorização do ser humano. A concepção de poder fazer algo com as mãos dita o ritmo de se produzir o artesanato, refletindo na forma de se realizar a gestão de modo particularizado, superando as dificuldades encontradas.

As ações colaborativas e processos criativos, produtivos e econômicos permitiram a apropriação das práticas artesanais do barro pela comunidade, a assimilação da cultura tradicional e atual e a formulação de estratégias associativistas, produção e comercialização favoreceram a melhoria de geração de renda; e a consolidação da autonomia e do empoderamento das artesãs observadas. É evidente, que a gestão artesanal ali praticada é do tipo ordinário. Entretanto, alguns grupos já começam a fazer uso de atividade de microempreendedor e empreendedora.

Apesar da satisfação pessoal com sua profissão e sua arte, elas sentem uma desvalorização do trabalho, motivada pelos atravessadores e pelos turistas e clientes, ou mesmo por seus maridos e familiares por não reconhecerem a dupla jornada de trabalho entre as tarefas domésticas e a sua profissão.

Nesse sentido, o grupo Flor do Barro, mas também outras artesãs que não fazem parte do grupo, procuram alternativas para, de um lado conseguir renda, aumentar a autonomia, e por outro manter a tradição. Buscam, por exemplo, ter mais participação em feiras, exposições, na Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEARTE) e algumas vendas pelas redes sociais. O Centro de Artesanato de Pernambuco (CAPE), criado em setembro de 2012, também passou a ser uma alternativa de vendas para as artesãs. Nele ela faz uma demonstração do seu trabalho e, se for aprovada, receberá uma carteira de artesão da Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco, de forma gratuita, o que lhe permitirá levar mensalmente duas peças para serem analisadas pela curadoria, a partir daí, ela calcula o valor que será vendida ao turista e aguarda os pedidos do CAPE. A cada 2 ou 3 meses é enviado um caminhão que leva os pedidos para o CAPE.

“[...] vem um caminhão, eles fazem o pedido pela internet e a gente faz aquele trabalho, marca o dia, a data, e ele vem pegar como caminhão, aí a gente fica vendendo essas peças durante 3 meses, de três em três meses, o caminhão vem pegar mercadoria” (artesã, grupo de discussão)

As artesãs trabalham separadamente ou em grupos, cada um faz a sua produção comercialização na maioria das vezes. Todavia, observamos o cooperativismo informal e solidário, acontecendo principalmente na produção familiar e grupos de amigos. Isso ocorre, na produção, na queimada no mesmo forno. Se a encomenda for grande e o prazo for curto, a artesã divide tarefas com a família, as vezes com amigas. Entendemos que esta prática favorece o processo de organização espontânea e de resistência.

“[...] nos reunimos para fazer, queimar e pintar as peças, gosto de trabalhar de forma coletiva.” (artesã, resposta no questionário)

Observamos, que na comunidade, praticamente, toda casa é um ateliê e existem ateliês dos mestres do artesanato. Observamos que quando surgem clientes interessados em alguma peça específica, que aquela artesã não costuma fazer, é comum que ela indique outra pessoa do bairro que faça. Há ainda um grau de cooperação comunitária, não só familiar. Uma artesã ou seu marido, ou vizinho, coopera com outro na queima, carregando peças para os fornos ou ainda entregando alguma encomenda de outra artesã para o seu cliente.

“Por ajudar uma a outra. Ajudo com as tarefas domésticas e ela me ajuda com a queima das peças.” (artesã, na resposta do questionário)

a presença de uma artesã que há mais de vinte anos faz um trabalho de divulgação e comercialização em eventos, feiras, exposições e oficinas:

“[...] tem uma feirinha na Casa da Cultura, aí vai duas toyotas do Alto do Moura, eu levo o meu, levo da minha família, dos amigos que precisam, eu vou entregar essa encomenda, eu levo graças a Deus me ajuda e eu ajudo os outros” (artesão, grupo de discussão)

Entendemos como relevante o modo de resistir e se organizar, de cooperação e preservação da identidade cultural com a criação do grupo Flor do Barro, em 2014. O grupo é

autogerido, formado por 16 mulheres entre 30 e 65 anos, todas artesãs do barro. Ele surgiu a partir do desejo delas de valorizar e repassar a arte para a nova geração. As mulheres do grupo têm em sua trajetória participação em exposições no Museu do Barro e Casa Museu Mestre Vitalino e tem ações nas quais buscam reverenciar tradição, cultura e religiosidade dos mestres. O grupo tem também o objetivo de ensinar o trabalho realizando oficinas em escolas, institutos e festivais, participa de feiras como por exemplo, Festival de Inverno de Garanhuns - PE entre outros.

Nesse sentido, o grupo busca incluir e valorizar a arte do bairro na perspectiva das mulheres, enfrentando assim a questão de gênero e fortalecendo o processo associativo e empoderamento feminino. As fotos 5 e 6 mostram a participação em evento de extensão em novembro 2018, realizado no Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE,) como forma de integração à comunidade acadêmica e oficina da arte para estudantes da graduação, respectivamente.



Figura 5 – Projeto de Extensão realizados na Biblioteca do CAA / UFPE. Fonte: autores, 2018.

Observou-se que as ações colaborativas e processos criativos permitiram a apropriação das práticas da comunidade, a identificação dos dados de cultura tradicional e atual e a formulação de ações coletivas, assim como também identificou Bentz (2016) na comunidade quilombola. Objetiva-se a geração de novos conhecimentos e de inovação social, com vistas: ao favorecimento do seu desenvolvimento; à melhoria de geração de renda; e à consolidação da autonomia e do empoderamento das mulheres na comunidade. Essa linha de fuga ocupa-se, em especial, dos processos de empoderamento, porque de um lado, elas se reconhecem como artesãs, mas de outro, não conseguem ser nomeadas como “mestras”, além de não serem reconhecidas pela sua capacidade de atuar para além do espaço doméstico.



## O ARTESANATO: ENTRE A TRADIÇÃO E O MERCADO CONSUMIDOR

De acordo com os relatos, há aproximadamente 10 anos houve uma mudança no estilo do artesanato local. Essa mudança alavancou os pedidos e as vendas, muitas mulheres que pintavam as peças dos maridos ou de outras pessoas começaram a fazer as bonecas que são mais vendáveis. Contavam, e ainda contam, com uma facilidade para essa produção, pois os oleiros, que se dedicavam a peças utilitárias passaram a fazer a base das bonecas no torno, facilitando o trabalho a produção do corpo da boneca, assim a produção de peças tradicionais foi preterida em função das bonecas vendáveis, fáceis de fazer e rentáveis. As bonecas se tornaram bem conhecidas e bem demandadas pelos clientes. Assim, vendem para vários estados do país, alguns encomendam e compram o ano todo, especialmente nos meses de junho, novembro, dezembro e janeiro, isso fez com que aumentassem a sua renda e sua independência financeira.

Os atravessadores compram no atacado a preços muito mais baixos do que os praticados junto aos turistas. Com a crise econômica, elas enxergam que a visitação turística à comunidade diminuiu, ampliando a dependência de venda por atacado.

“[...]eles ganham mais do que a gente que faz, porque já compra uma pecinha a mim né, já vende e entrega naquelas lojas, que vão vender para o turista, não é? Assim sempre eles vão ganhar mais do que a gente” (artesã no grupo de discussão)

Para além da cooperação, as artesãs também concorrem entre si. Essa é estimulada pelos atravessadores e turistas, diminuindo o valor e aumentando o prazo para o pagamento das encomendas. Toda essa dinâmica diminuiu a produção tradicional, a exemplo dos “retirantes, volta da roça, banda de pífano”, que demoram mais tempo para serem produzidas e são menos vendáveis, por conta do preço.

Inspirados em Bentz (2016), entendemos que a arte figurativa dos artesãos e artesãs são manifestações culturais, representam identidade e pertencimento social e são indicativos de temas estruturantes desde identidade, gênero, cultura e política. Nos grupos de discussão, elas relataram que existe uma consciência da necessidade de preservar a memória dos seus

mestres, da necessidade de resistir e manter a cultura local. Elas vislumbram, por exemplo, a possibilidade de organizar a produção semanal de modo a produzirem os pedidos feitos no atacado, que garantem renda, além de manter a produção tradicional, pelo menos uma vez por semana, que retratem a tradição, a arte e o povo.

A manutenção da tradição depende ainda, muito fortemente, das novas gerações que já não vem no trabalho com barro uma perspectiva rentável. Vemos isso como um processo de aculturação Bentz (2016), que vem diminuindo, apesar dos esforços das artesãs, a transmissão da cultura e tradição. A autora explora o movimento pendular entre as forças opressoras que geram controle e repressão e aquelas que trabalham valores e práticas libertárias. Assim também enxergamos o movimento pendular que de um lado impõe práticas e formas de produção alinhadas aos valores do mercado capitalista, mas que é contraposto a organização e cooperação das artesãs para resistir e manter a tradição da arte em barro. Por último, concordamos com Bentz (2016) quando afirma que ações desse processo criativo, são moldados como atos de resistência.

Para Pelbart (2003), no capitalismo conexcionista seria o momento para colocar os saberes, energias, subjetividades para circular e fazer florescer cognição, imaginação e inventividade em benefício do comum, entretanto, essa dinâmica das múltiplas conexões, que valoriza linguagem e conhecimento vem acompanhada de uma exploração, na qual empresas, máfias, estados se apropriam do que é produzido (PELBART, 2003). É nesse sentido que vemos a arte figurativa no barro, ser expropriada, tanto pela barganha do turismo, quanto pelo interesse comerciais.

A necessidade de renda e de sobrevivência as empurram para adequação de sua arte para a produção daquilo que é vendável. Vemos como pedágios todo esse processo de aculturação, incentivado pelos compradores, dado que o volume de vendas gerado por eles é que vai garantir renda às artesãs. Assim também enxergamos os custos que representam participar de eventos e feiras como pedágios comerciais. São custos monetários, mas também de tempo despedido em eventos que podem não ter nenhuma rentabilidade financeira, embora possa ser canal para estabelecer e fortalecer conexões fundamentais no capitalismo

conexão. São essas conexões que possibilitam encomendas e projetos. As feiras de exposições, normalmente são em estandes pagos e que têm um custo alto de participação. (PELBART, 2003)

Também, identificamos uma outra dimensão, a cooperação se mostrou fundamental para sobreviver nessa contradição. Não se trata de uma cooperação buscada no interior das empresas para atingir um fim último, no qual um agente superior tem de impor ordenamento e no qual os subordinados podem participar de forma alienada ou calculista (ETZIONI, 1975). Nesse caso, as relações são familiares, incluindo a relação com os mestres e mestras, baseadas em tradição e valores.

Pela precariedade e informalidade a que estão submetidos, são obrigados a buscar formas de cooperação que muitas vezes se dá no âmbito da produção, desde o processo de compra e preparo do barro, a divisão da produção de corpo de bonecas em torno ou na queima, na pintura, nas vendas, em que as peças de uma artesã abastecem as casas-ateliês-vitrines de outra ou ainda em que uma indica o trabalho de outra, mas também ocorre no âmbito do interior das casas-oficinas, em que as mulheres cooperam entre si inclusive nas tarefas de cuidados. Para Sennet (2013) a cooperação envolve solidariedade e, nesse caso, uma solidariedade construída de baixo para cima. Além disso, o autor também relaciona cooperação aos rituais de repetição e ensaio, que podem impregnar comportamentos e atitudes. Assim observamos como as atividades de produção, que são repetitivas e ritualísticas (como a queima) são momentos oportunos para solidariedade e cooperação. Entendemos como uma contribuição trazer para o debate dos estudos organizações o tema da cooperação em relações não hierarquizadas.

Também vemos na cooperação uma linha de fuga (Bentz, 2016), porque é por meio dela que estratégias são combinadas e colocadas em prática, como a criação do grupo Flor de Barro, como a participação delas nos conselhos da cidade e do bairro, produção para feira de arte ou a logística para carregar e entregar em Recife ou outros lugares e eventos. É por meio da cooperação se dá o fortalecimento da artesã, não de forma individual, mas a uma identidade coletiva.

Compreende-se que, o artesanato não é feito sem gestão, pois a gestão dessa forma de organizar existe; porém, diferencia-se da gestão instrumental das grandes empresas privadas, já que a gestão artesanal é do tipo ordinário. A gestão ordinária é aquela que se distancia dos padrões gerencialistas ao focar o dia a dia das pessoas comuns que lidam com negócios ordinários (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Discutimos nesse trabalho, como o artesanato, visto como um modo de produção primitivo, convive ainda hoje como modo de produção baseado na industrialização. Como vimos, por meio do caso das artesãs do Alto do Moura, e das múltiplas coletas de dados que fizemos, essa convivência não ocorre sem conflitos e, por isso, buscamos analisar como essa atividade se converte em resistência.

Esses conflitos passam pela precarização do trabalho, por relações de gênero e machismo, por colaboração, desafios para manter a tradição familiar e cultural, bem como desafios para adequação à demanda de mercados consumidores de artesanato em atacado.

Como relatado, existe um trabalho de preservação da cultura do artesanato tradicional, contudo a necessidade de renda e de sobrevivência força o amoldamento de sua arte às demandas do mercado. Assim, constitui-se como pedágios (Pelbart, 2003) todo esse processo de aculturação, incentivado pelos comerciantes, dado que o volume de vendas gerado por eles é que vai garantir renda às artesãs. Além disso, parte da juventude prefere ir para a escola ou faculdade e ter outra profissão, por não enxergarem na arte figurativa um futuro garantido.

Frente todos esses desafios, as artesãs vêm se organizando para manter a tradição e se manter a partir de sua arte. Criaram, por exemplo, o grupo Flor do Barro, se organizam para levar o artesanato em feiras e exposições, como forma de reduzir custos de participação, continuam envolver a família toda, incluindo crianças, com o artesanato do barro, oferecem oficinas nas escolas. Elas se envolvem também em conselhos de cultura, na cidade de Caruaru e no próprio bairro, procurando chamar atenção para as necessidades locais. Realizam tarefas em conjunto, como a queima e, quando há um pedido grande, produção compartilhada.

Compram peças uma das outras, para dar sortimento as suas vitrines, compartilham ideias e apoio para produções inovadoras para exposição de arte, compartilham cuidados com a família, fazem indicações umas das outras. Principalmente: não desistem e se orgulham de sua arte.

Destacamos algumas contribuições nesse trabalho. A primeira, no sentido de usar a literatura de Pelbart (2003, 2013) e Bentz (2016) para analisar o caso, enxergando aí pedágios, resistência e linha de fuga. Também vemos a contribuição, a identificação dos processos de organização, que podem, em uma segunda pesquisa, ser refinados e organizados em categorias e dimensões mais detalhadas, ao se pesquisar a respeito desse tipo de gestão.

A relevância do artesanato para os estudos organizacionais está na possibilidade de desenvolvimento de formas alternativas de organização.

Nesse sentido, propomos a inclusão do artesanato enquanto objeto para o exercício de reflexões que evocam o design e a prática incorporada em uma forma específica de saber fazer condizente com o estudo de formas organizativas alternativas. Objetivamos levantar subsídios tanto históricos quanto teóricos e conceituais para que os estudiosos das organizações possam aprofundar a questão da relevância do artesanato para o resgate e o desenvolvimento de formas alternativas de organização. Por fim, ressaltamos possíveis contribuições do artesanato para estudos que adotam posturas interpretativas, ou mesmo, críticas dos fenômenos organizativos. (FIGUEIREDO & MARQUESAN, 2014, p.1).

Dado o capitalismo em rede, baseado no fluxo de pessoas, dinheiro e informações e que exige um pedágio para que pessoas participem desses fluxos, analisamos o caso das artesãs do Alto do Moura para discutir como, frente aos diversos desafios, resistem e mantêm sua tradição cultural como fonte de renda. Por meio desse caso, analisamos como essa atividade, considerada primitiva, se insere no atual estágio do capitalismo e como vive desafios relacionados à cooperação, precarização, relações de gênero, manutenção da tradição, adequação exigências do mercado e, principalmente, como mantém sendo fonte para criação e manutenção de identidade própria e comunitária.

Entendemos a combinação de múltiplos métodos de coleta enriquece o caso, especialmente os grupos de discussão, que devem ser feitos após uma pesquisa inicial. Nós esperamos dessa forma que trazer esse método para os estudos organizacionais pode abrir novas oportunidades de pesquisa. Além disso, vemos como contribuições práticas o estímulo a reflexão em conjunto pelas artesãs, bem como a divulgação de uma comunidade e sua arte que precisam ser valorizadas, protegidas e estimuladas.

## REFERÊNCIAS

- ARTESANATO DE PERNAMBUCO (2019). Governo do Estado. Disponível em:<[http://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/?page\\_id=9](http://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/?page_id=9)>. Acesso em: Jan/2019.
- BARCELLOS, R.M. & DELLAGNELO, E. H. L (2014). A Teoria Política do Discurso como abordagem para o estudo das organizações de resistência: reflexões sobre o caso do Circuito Fora do Eixo. **Organizações & Sociedade**, 21(70), 405-424. <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302014000300004>.
- BENTZ I. M. G. (2016). Fluxos e territorialidade: comunidade quilombola como linha de fuga. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 37, p. 227-241, set/dez. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201637.227-241>.
- BODART, C. N. (2016). Arte em conchas: cultura, trabalho e sobrevivência no capitalismo contemporâneo. *Revista Clóvis Moura de Humanidades*, v. 2, n. 1, p. 56-64.
- CARRIERI, A. P.; PERDIGÃO, D. A.; AGUIAR, A. R. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **RAUSP**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 698-713, 2014
- CEZAR, L. C.; FANTINEL, L. D. Entre um Bom Papo e um Café se Vende o Artesanato: Representações Sociais em um Centro de Comercialização da Economia Solidária. **Brazilian Business Review**, v. 15, n. 5, p. 475-493, 2018
- DARDOT, P., & LAVAL, C. (2017). **A nova razão do mundo**. Boitempo Editorial.
- DOMINGUES, F. F.; FANTINEL, L. D.; FIGUEIREDO, M. D. (2019). Between the Conceived and the Lived, the Practiced: The Crossing of Spaces at the Arts and Crafts Fair of Namorados Square in Vitória/ES, Brazil. **Organizações & Sociedade**, v. 26, n. 88, p. 28-49.
- DIDI-HUBERMAN, G. (2011). **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 119.

ETZIONI, A. (1975). **Análise comparativa de organizações complexas: sobre o poder, o engajamento e seus correlatos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

FARIA, J. H. Autogestão, Economia Solidária e Organização Coletivista de Produção Associada: Em Direção ao Rigor Conceitual. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 3, p. 629-650, 2017.

FARIA, A. M.; SILVA, A. R. L. Artesanato nos Estudos Organizacionais: A Literatura Brasileira de 2006 a 2015. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 11, n. 2, p. 120-135, 2017.

FIGUEIREDO, M. D.O artesanato enquanto prática e materialidade: argumento para pensar a dimensão estética e os artefatos nos estudos organizacionais. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 1, p. 189-205, 2014.

FIGUEIREDO, M. D. MARQUESAN, F. F. S. (2014). Artesanato, arte, design... Por que isso importa aos estudos organizacionais? **Revista Interdisciplinar de estudos organizacionais**. RIGS, Salvador, v. 3, n. 3, p. 127-143.

INGOLD, T. (2000) **Perceptions of Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. Londres e Nova Iorque: Routledge,.

MAGALHÃES, V. A., FERREIRA, K. S., & CAVALCANTE, L. C. (2017). Feiras móveis: uma perspectiva histórica comparativa com as feiras medievais. **Revista Extensão em Ação**, UFC v. 2(14), 7-20. Disponível em <http://periodicos.ufc.br/extensaoemacao>. Acesso em Janeiro de 2019.

MARTINS, F.; LUZ, R.; BELCHIOR, P. (2012). **Nova Fase da Lua: escultores populares de Pernambuco**. Recife: Caleidoscópio.

MENDES, A. (2015). Metrôpoles e Multidão: das políticas públicas às políticas do comum. **Revista IHU** On-line, n. 511. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/542986-metropoles-e-multidao-daspolicas-publicas-as-politicas-do-comum-entrevista-especial-comalexandre-mendes> Acesso em: Jan/2019.

MISOCZKY, M. C. (2010). Das práticas não-gerenciais de organizar à organização para a práxis da libertação. **Organização e práxis libertadora**. Porto Alegre: Dacasa, 13-56.

NOGUEIRA, R. (2013). **Organização do sistema de produção familiar urbana a partir das relações de gênero: em busca de legitimação e equidade**. Dissertação mestrado. Universidade Federal da Paraíba.

PELBART, P. P. (2003). **Poder sobre a vida, potência da vida**. Lugar Comum, 17, 33-43.

----- (2013). **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições.

QUEIROZ, H. A. A via colonial e superexploração da força de trabalho no Brasil. **Rev Bras Adm Pol**, 10(2):23-56. 2017 Acesso 03/04/2020. EAUFBA.

RAIMUNDO, V.J. A RESISTÊNCIA DAS DANDARAS CONTEMPORÂNEAS: as formas informais de organização das mulheres negras moradoras de áreas segregadas. **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 29, n. 1 – Jan./Jun. 2016 – ISSN online 1981-3082. p.132-134

RAMOS, G. M. P. D., DE MUYLDER, C. F., & FREIRE, D. A. L. (2014). O artesão e o empreendedorismo: um estudo bibliométrico da produção acadêmica em eventos enanpad de 1999 a 2008. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade** (ISSN 2318-3233), 4(1), 76-94.

SÁ et al. Novas e velhas distinções na comunidade artesã do alto do moura: tensões emergentes entre membros-proprietários de negócios no século 21. **V Congresso Brasileiro De Estudos Organizacionais**. Curitiba-Pr - Brasil. 2016.

SEBRAE. **Pernambuco feito à mão**. Recife: SEBRAE, 2006.

----- . **O artesão brasileiro**. Brasília: SEBRAE, 2013

SENNETT, R. (2009) **O artífice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record. (2013

STAKE, R. E. (1998). Case Studies. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds.). **Strategies of Qualitative Inquiry**: 445-454. California: Sage Publications.

WELLER, W. (2006). Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, 32(2), 241-260.

VERGARA, S.; SILVA, H. (2007) Organizações artesanais: um sistema esquecido na teoria das organizações. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, v. 6, n. 3, p. 32-38.

**Submetido em 27/05/2020**  
**Aprovado em 03/02/2021**